

# jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S. PAULO  
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 - 856-2122 (PABX) - CEP 02598  
 São Paulo - SP - Caixa Postal 8005 - CEP 01051 SP - E. Telegráfico ESTADO  
 Telex 011.23511 - Fax 265-2297



Fundado em 1873

**JÚLIO MESQUITA**  
 (1891 - 1927)

**JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA**  
 (1927 - 1969)

**Diretor Responsável**  
**RUY MESQUITA**  
**Diretores**

Júlio de Mesquita Neto  
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
 Ruy Mesquita  
 César Tácito Lopes Costa  
 José M. Homem de Montes  
 Oliveiros S. Ferreira

**Diretor de Unidade**  
 Ruy Mesquita Filho

**Diretor de Redação**  
 Fernão L. Mesquita  
**Diretor Executivo**  
 Fernando L. Mitre  
**Editor Chefe**  
 Celso Kinjô

**Diretor Superintendente**  
 Francisco Mesquita Neto  
**Diretor Comercial**  
 Roberto Crissiuma Mesquita  
**Diretor Agência Estado**  
 Rodrigo L. Mesquita

## Parou de piorar

ECON - BRASIL

Como um denso nevoeiro, a recessão e a inflação ainda impedem que se tenha uma visão mais clara do futuro próximo. Mas já é possível distinguir no horizonte sinais animadores de que o ambiente econômico começa a mudar. "Parou de piorar", resume o deputado Roberto Campos, citando alguns indicadores, como o retorno de investimentos externos ao País e o desaparecimento das expectativas pessimistas quanto à inflação.

Mesmo um crítico severo do governo Collor como o deputado Delfim Netto admite a existência de sinais positivos, particularmente na disposição do Congresso de, a partir da constatação da insolvência do sistema previdenciário, discutir uma proposta de ajuste fiscal que não se limite ao aumento de impostos, mas que busque o equilíbrio das finanças públicas por meio do corte das despesas.

No que se refere aos agentes econômicos em geral, essa mudança de expectativas deve-se em grande parte à firmeza com que a equipe chefiada pelo ministro Marcílio Marques Moreira se vem mantendo fiel à política por ela anunciada, de estrito controle das despesas e do fluxo de moeda. Mas o fato mais auspicioso das últimas semanas é a determinação com que o governo vem reagindo aos efeitos do reajuste de 147% para os aposentados.

Pela primeira vez na História recente do Brasil, um governo tem a coragem de assumir uma posição claramente antipática, por entender que ela é a que melhor atende aos interesses do País. O governo tem dito que, por mais justas que sejam as reivindicações dos aposentados, elas não podem ser atendidas com emissão de moeda ou de títulos, pois isso poria a perder todo o esforço feito até agora na luta contra a inflação, que surgiria mais adiante, com vigor renovado.

Com a atitude que assumiu, a partir da posse do ministro Marcílio Marques Moreira, o governo conseguiu impedir a consolidação da expectativa de alta inflacionária que se ia formando no

mercado financeiro, de onde se espalharia rapidamente para os demais segmentos da economia.

O mercado financeiro, hoje, apresenta um clima de confiança como há tempos não se via. O sinal mais visível dessa confiança é o desempenho expressivo das bolsas de valores neste início do ano. Mas ela já vem se manifestando há mais tempo, como se observa no grande volume de recursos estrangeiros que o País recebeu no ano passado, 54,5% mais do que em 1990. No mercado de capitais, o volume de recursos que entrou no ano passado foi de US\$ 700 milhões, contra US\$ 170 milhões em 1990. Em 1992, pode-se chegar a US\$ 1 bilhão. Ressalve-se que essas aplicações — ao contrário dos investimentos diretos, que cresceram apenas 13% no ano passado — são extremamente nervosas e podem sair do País aos primeiros sinais de turbulência na economia.

Também no setor produtivo observam-se sinais positivos. A prolongada recessão, ao reduzir expressivamente a rentabilidade das empresas, obrigou-as a buscar soluções criativas, de mercado. Hoje, como mostram as duras negociações entre a indústria e o comércio, já não é mais possível fixar preços a partir de uma simples soma de custos e margens de lucros. Os preços agora dependem muito mais de uma lei elementar da economia: a da oferta e da procura. As empresas, além disso, mudaram sua visão administrativa. Reduziram estoques, diminuíram as aplicações financeiras — que lhes garantiam rentabilidade automática — e buscaram produtividade. O ganho voltou a ser o prêmio para quem sabe produzir mais e melhor.

O preço que a sociedade está pagando para dividir esses sinais positivos é altíssimo e a superação do atual período de sacrifícios será um processo lento. Mas pelo menos já se vêem sinais de que a sociedade brasileira está sofrendo uma salutar transformação de mentalidade que a habilitará a ingressar na modernidade.